



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

GEYSLANNE LIGIA BARBOSA DA NOBREGA

**(IM)POSSÍVEIS CAMINHOS TRILHADOS POR UMA MULHER: DO FEMININO
À DEVASTAÇÃO**

CAMPINA GRANDE

2022

GEYSLANNE LIGIA BARBOSA DA NOBREGA

**(IM)POSSÍVEIS CAMINHOS POR UMA MULHER: DO FEMININO À
DEVASTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N754i Nobrega, Geyslanne Ligia Barbosa da.
(Im)possíveis caminhos trilhados por uma mulher
[manuscrito] : do feminino à devastação / Geyslanne Ligia
Barbosa da Nobrega. - 2022.
17 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Jailma Berlamino Souto ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Feminismo. 2. Mulheres. 3. Psicanálise. I. Título

21. ed. CDD 305.42

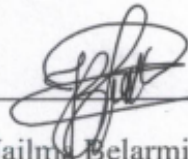
GEYSLANNE LIGIA BARBOSA DA NOBREGA

(IM)POSSÍVEIS CAMINHOS TRILHADOS POR UMA MULHER: DO FEMININO À
DEVASTAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

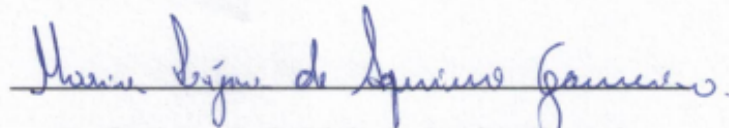
Aprovada em: 02/11/2022.

BANCA EXAMINADORA



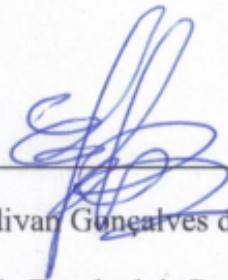
Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Junior

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por todo amor investido
e por estarem sempre ao meu lado nessa
jornada chamada vida, DEDICO.

Se começo pelo amor é que o amor é,
para todos - por mais que o neguem - a
grande coisa da vida.

Charles Baudelaire

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD	7
3. A ESCOLHA DO SUJEITO FRENTE AO GOZO EM LACAN.....	10
4. DEVASTAÇÃO: UM OUTRO NOME PARA O AMOR?.....	12
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	16

(IM)POSSÍVEIS CAMINHOS TRILHADOS PELA MULHER: DO FEMININO À DEVASTAÇÃO

(UN)POSSIBLE PATHS TAKEN BY WOMEN: FROM FEMININITY TO DEVASTACION

Geyslanne Ligia Barbosa da Nóbrega¹

Resumo

O artigo tem como objetivo, apontar os caminhos trilhados pelo sujeito na construção do que é ser mulher, e do possível encontro frente a devastação no feminino, na perspectiva de Freud e Lacan. Através de uma revisão bibliográfica, buscou mostrar como se constitui o ser mulher, não definido pelo sexo biológico como apontado no discurso científico, mas constando que, para a psicanálise, se trata de uma posição que o sujeito escolhe frente ao gozo, a castração e diante da identificação com os seus primeiros cuidadores. Freud, atravessado pelas questões da sexualidade infantil, nos mostrou como o sujeito se constitui a partir da relação com o par parental, construindo o narcisismo primário. Lacan, fazendo uma releitura dos escritos freudianos, expande a compreensão psicanalítica sobre o feminino, propondo a fórmula da sexuação, constatando que “A Mulher” não existe, mas que cada mulher precisa inventar-se no uma a uma. Da invenção de cada uma em torna-se mulher, no caminho para a feminilidade, é passível de encontrar-se com a experiência da devastação.

Palavras-chaves: Feminino; Gozo; Devastação.

Abstract

The article aims to point out the paths taken by the subject in the construction of what it is to be a woman, and the possible encounter with the devastation of the feminine, from the perspective of Freud and Lacan. Through a bibliographical review, it sought to show how being a woman is constituted, not defined by the biological sex as pointed in scientific discourse, but stating that, for psychoanalysis, it is a position that the subject chooses in the face of jouissance, castration, and identification with his or her first caretakers. Freud, crossed by the questions of infantile sexuality, showed us how the subject is constituted from the relationship with the parental pair, building the primary narcissism. Lacan, re-reading Freudian writings, expands the psychoanalytic understanding of the feminine, proposing the formula of sexuation, stating that "Woman" does not exist, but that each woman needs to invent herself in the one to one. From each one's invention in becoming a woman, on the path to womanhood, is liable to encounter the experience of devastation.

Keywords: Feminine; Enjoyment; Devastação.

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade favoreceu a abertura ao debate sobre questões que sempre causaram inúmeras inquietações: dentre as quais, destacam-se: a sexualidade, a escolha objetal de satisfação frente ao outro sexual e as possíveis nuances do ser mulher, na partilha entre o feminino e o masculino. Desde sua origem, a psicanálise investiga a importância da

¹ Graduanda em psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba

sexualidade na constituição humana que é estruturalmente fundamental na constituição do sujeito, sendo sempre atual, apesar das modificações historicamente sofridas pela sociedade.

Assistimos, então, às ciências buscando afirmar, através do biológico e da genética, que os sexos se dividem em dois sexos, apenas: o masculino e o feminino, justificando essa divisão através da anatomia, e dos cromossomos XX e XY. Palavras e símbolos que tentam dar conta do enigma da sexualidade, como nos diz Maria Cristina Poli (2007). A psicanálise, porém, reconhece que apenas estudos pautados no corpo biológico e na construção sociocultural, não são os suficientes para responder pelo sujeito.

A psicanálise defende que o ser homem e o ser mulher, faz parte de uma escolha inconsciente, de cada sujeito frente ao sexual, a castração simbólica, ao falo e ao gozo. Diante disso, Freud constata que o feminino e o masculino, são saídas, ou seja, respostas ao complexo de Édipo e de castração. No encontro com a castração do Outro, cada ser tem a oportunidade de lidar com o sexual de maneiras subjetivas.

Destacamos que esse encontro não é simples, principalmente para a menina que realiza um trabalho a mais para responder a essas questões, de forma a tornar a questão da feminilidade um enigma para Freud, que ao longo dos seus estudos chega a afirmar que "a mulher é o continente negro da psicanálise" (FREUD, 1931/1988). Tratando dessa questão, Lacan faz uma releitura dos escritos de Freud. Concordando com ele que há algo misterioso que envolve a mulher e escapa à significação, constata, um ponto fundamental para sua teoria.

No seminário XX, "*Mais, ainda*", Lacan teoriza sobre a fórmula da sexuação, mostrando como o sujeito se posiciona frente às modalidades de gozo. Defende que o ser masculino se inscreve na lógica do todo fálico, respondendo a apenas uma modalidade de gozo: o fálico. O ser feminino, por sua vez, se inscreve na lógica do não todo fálico, tendo acesso a um Outro gozo, um gozo a mais, que escapa a nomeações.

Por não haver um significante, uma palavra, capaz de dizer designar que é uma mulher, Lacan (2008/1978), diz que "A mulher" não existe. Avançando na sua teoria sobre as relações estabelecidas entre os sexos (masculino e feminino), defende que "a relação sexual não existe", (LACAN, 1985) pois, a relação se dá de sujeito para objeto, impossibilitando a completude.

Atrelado ao encontro com a falta, a mulher diante do encontro com esse gozo a mais, que vai além do gozo fálico, pode tanto experimentar o prazer sexual, como se encontrar em um momento de devastação ao não ter sua demanda de amor correspondida. Já que faltam significantes para designar o que é uma mulher, como para descrever como se dá esse Outro gozo, da ordem do real.

Nesse contexto, esse artigo se propõe a discutir o caminho traçado por cada sujeito que escolhe o lado feminino na partilha dos sexos, experienciando o gozo fálico, e tendo acesso ao Outro gozo, o gozo feminino. Refletindo sobre como se desencadeiam as questões do amor no feminino, frente a esse furo na linguagem, que irá ser tratado, em especial, sob a ótica da devastação feminina.

2. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM FREUD

Freud, um homem para além do seu tempo, se dedicou a escutar atenciosamente os sujeitos que lhe procuravam na clínica, para a partir de então, desenvolver sua teoria e escrever sobre aquilo que ele testemunhava. Ao ouvir os sussurros, as entrelinhas, o inconsciente do discurso, o inconsciente, descobriu a função defensiva do aparelho psíquico, por meio da ação do recalque. Defende, a partir do que observou, que a repressão está ligada à sexualidade, exclusão dos desejos incestuosos e agressivos das figuras paternas.

Às voltas com a diferença e diversidade sexual, Freud publica em 1905 sua obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, “ali vemos estabelecidos os modos de expressão do desejo sexual, desde a infância à vida adulta, as diferentes fases de sua evolução e o apoio das zonas erógenas nas funções fisiológicas” (POLI, 2007). Percebe-se, desde então, que ele se apoia na anatomia genital para tentar resolver a questão da significação sexual a partir do complexo de Édipo, conseqüentemente refletindo nas identificações e escolhas objetais.

A significação da anatomia promovida pelo complexo de Édipo tem poderes estruturais nada desprezíveis (...). Cumpra apenas lembrar que se a psicanálise tem alguma serventia é a de liberar o sujeito dessas amarras, promovendo desidentificações. O que implica, como veremos, situar a referência sexuada na enunciação do desejo e não no suporte anatômico (POLI, 2007, p. 18).

Para entender como se dá a constituição do sujeito em Freud, e conseqüentemente, sua posição frente ao sexual, faz-se necessário entendermos a dinâmica dos primeiros encontros do sujeito com o Outro, que convencionou-se chamar de mãe, aquela que ocupa a função materna. Destacamos o desejo materno como enigma que aponta para um filho, o desejo de ir ao encontro de algo que a complete, que venha a tamponar a falta nela existente.

Nesse momento, da infância é realizada a escolha de um objeto amoroso, por todas as tendências sexuais do bebê estarem se dirigindo para uma única pessoa, na qual esperam alcançar seus objetivos (FREUD, 1923), ou seja, espera-se que esse Outro supra, inicialmente suas necessidades e, posteriormente sua demanda de amor.

Nesse sentido, ter um filho seria um equivalente simbólico da posse do falo (MARCOS, 2017). O bebê assume essa posição objetificada de ser o falo da mãe, ou seja, aquilo que supostamente lhe falta, por estar presente no seu discurso e nos significantes que essa criança representa tudo para ela. Além disso, “o bebê humano condiciona sua sobrevivência à presença do desejo materno (o Outro primordial), conferindo plasticidade à constituição de seu corpo na relação com esse desejo” (POLI, 2007, p. 14).

Diante dessa relação, vista como incestuosa, do ponto de vista da sexualidade e do investimento libidinal, a castração vem para pôr barra nessa simbiose, em forma de Lei, mostra para a criança que ela não é tudo para o Outro, nem tão pouco pode tudo. Sendo importante destacar que isso deve estar presente no discurso da mãe, como reconhecadora desta Lei. Caso isso não ocorra, entramos no campo das psicoses. Se deparar com essas questões, significa se perceber no campo da falta, em que tanto para os meninos, como para as meninas, significa dar-se conta de que a mãe é castrada no corpo e para além dele, sendo, portanto, submetida à Lei.

Reconhecer a importância do descobrimento anatômico dos genitais pelas crianças, se torna ponto-chave para se entender como se constitui o ser mulher e o ser homem, visto que “para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do falo” (FREUD, 1923, p.152).

Entende-se, dessa forma, que o elemento organizador da sexualidade não é o órgão genital masculino, mas a representação psíquica imaginária e simbólica construída a partir dessa região corporal do homem (COSTA; BONFIM, 2012). Ou seja, “as fantasias não decorrem exclusivamente de um destino anatômico preestabelecido, mas do suporte psíquico do corpo sexuado em um símbolo: o falo” (POLI, 2007, p. 21). A partir da entrada do sujeito no simbólico e da descoberta da zona genital, que se dá na fase psicosssexual fálica, teremos o posicionamento do sujeito frente ao seu desejo, ao desejo do Outro e a identificação na partilha dos sexos. Sendo na menina, realizado um trabalho a mais.

Freud, no texto “*Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica dos sexos*” (1925), disserta sobre a entrada e saída do menino e da menina no Complexo de Édipo. De modo, que o garoto, ao começar as investigações sexuais, conhecendo a região genital da menina, tem um certo estranhamento, que o leva a pensar inicialmente, que o pênis ainda virá a crescer. Posteriormente, vê essa ausência de pênis como o resultado de uma castração, um castigo as práticas masturbatórias, achando-se na tarefa de lidar com a castração em relação a ele próprio (FREUD, 1923), ou seja, passa a ter medo de ter seu pênis retirado.

A partir disso, uma das possibilidades é o menino começar a se identificar com o pai, como possuidor do falo, herdando futuramente a virilidade, o que é fundamentalmente, uma característica importante na constituição da masculinidade. Sendo diante dessa angústia de ser castrado, de ter seu pênis retirado, que o menino sai do complexo de Édipo, “é justamente pelo temor da castração que eles renunciam ao desejo incestuoso pela mãe, recalçando as fantasias edípicas” (POLI, 2007 p. 22), isso significa que passará a investir muito mais em outras relações, para além do par parental.

A menina, também durante a fase psicosssexual fálica, sabe que não tem o pênis e passa a desejar tê-lo. Esse reconhecimento, produz uma ferida narcísica, uma “cicatriz inconsciente”. Dessa forma, culpabiliza a mãe que seria, supostamente, a responsável por essa falta, reconhecendo o homem enquanto possuidor do falo, formando, então, um sentimento de inferioridade frente ao pênis. A partir de então, a menina entra no complexo de Édipo, passando a investir ainda mais nessa dinâmica edípiana, como uma possibilidade de tratar da questão de “como a menina torna-se mulher”. Teremos então, algumas possibilidades de saídas frente a essa problemática.

Podendo intensificar a atividade masturbatória, formando um complexo de masculinidade, na esperança de um dia conseguir um pênis, tornando objetivo de vida a fantasia de ser um homem. Ou, pode ainda, deslocar o desejo de ter um pênis para o desejo de ter uma criança do pai, tomando-o como objeto amoroso, “é a percepção da ausência do órgão fálico em seu corpo que leva a menina a abdicar do amor à mãe e buscar obtê-lo do pai” (POLI, 2007). Tem-se com a mãe uma identificação, por esta ser objeto de desejo paterno, o que seria uma tentativa de suprir a falta de um reconhecimento simbólico, uma busca por algo que lhe mostre o que é ser uma mulher. Além disso, Poli (2007, p. 16), comenta:

É por não ter um pênis que as meninas se constituirão de forma distinta dos meninos e poderão encontrar a via da feminilidade. Esta implica na troca do objeto de amor — da mãe para o pai — e na mudança de zona erógena — do clitóris para a vagina. Essas modificações, próprias ao trabalho psíquico do feminino, são necessárias para que a mulher busque na maternidade a solução para o seu complexo de castração.

Freud trabalha a constituição da posição sexual do sujeito feminino a partir da falta no corpo, mostrando como na infância dar-se à descoberta dos órgãos genitais sexuais, e das consequências que tais descobertas terão na vida psíquica dos sujeitos. Vale destacar que as constatações feitas até então, são da ordem do traumático, que por uma questão de proteção e de defesa, passam a ser recalçadas no inconsciente de cada ser, o que irá ressoar na forma de se relacionar do sujeito, vida a fora.

3. A ESCOLHA DO SUJEITO FRENTE AO GOZO EM LACAN

Lacan, retomando os escritos de Freud, lança luz para além da leitura do Édipo freudiano, discute as questões da constituição do sujeito e, em especial, do feminino, a partir da linguística e da lógica matemática, destacando novos conceitos. Sua elaboração teórica é extensa e complexa e explorar todos os seus pontos ultrapassa os limites desse trabalho. Queríamos destacar, apenas, o que a partir de Lacan desta-se como avanços sobre o feminino e o masculino, a importância das modalidades de gozo e da fantasia.

No seminário XX (Mais, ainda), Lacan, teoriza a divisão sexual, em função de dois gozos: um todo fálico e outro não-todo. Indo de oposto, ao que normalmente espera o imaginário social, quando se pensa o ser mulher e o ser homem pautado na anatomia, apenas. Para melhor explicitar essa questão, ele propõe a fórmula da sexuação a partir da inscrição dos sujeitos na função fálica, usando, fundamentalmente, a lógica matemática.

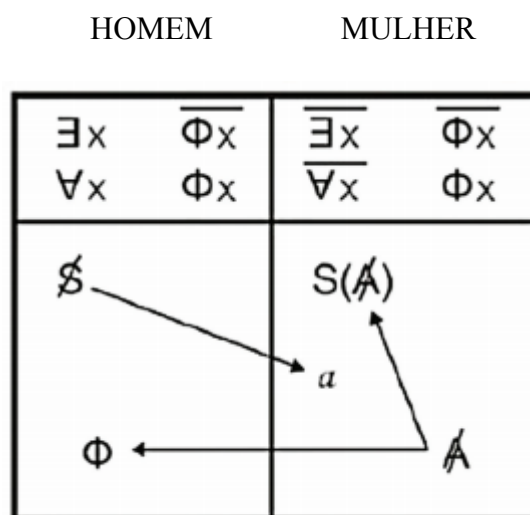


Figura 1: fórmulas da sexuação em Lacan

Ao elaborar essas fórmulas, Lacan situa a posição masculina e feminina, como semelhantes assumidos pelos sujeitos, em lados opostos. Onde, na parte superior, vamos ter o estabelecimento de um total de quatro fórmulas, duas para cada lado. Na posição masculina, no lado esquerdo, temos a primeira fórmula $\exists x . \phi x$ que nos diz que para toda regra há uma exceção. Remetendo a um único elemento não castrado que fundaria o conjunto, a classe dos homens, o Pai ancestral. Descrito por Freud em *Totem e Tabu (1915)*, o mito da horda primitiva, conta a história de um homem que teve relações sexuais, gozou, de todas as mulheres da sua tribo, sem incidir sob ele a culpa do incesto. Após seu assassinato, executado pela revolta dos filhos, e por medo de quem viesse a ocupar esse lugar também seria assassinado, o lugar ficou vazio, sendo eleito um totem, demarcando a instauração da lei do incesto, em que todos os seus ancestrais estão submetidos a tal regra, submetidos a castração.

A segunda fórmula: $\forall x . \varphi x$ faz referência a todos os elementos desse conjunto, ou seja, todos os sujeitos que se posicionam desse lado, estão inscritos na função fálica, em que tudo se refere a ter o falo e o medo de perdê-lo. Referindo-se à castração o preço a ser pago para quem se posiciona no masculino ascender na posição de viril, sendo as voltas do significante “virilidade” que esse gozo fálico se ordena. Em suma,

Do lado masculino temos então dois quantificadores: o primeiro, que é a função da exceção, é encarnado pelo pai da horda - $\exists x . \varphi x$ - e o segundo quantificador, a que chamamos universal - $\forall x . \varphi x$ - é uma consequência direta, resultado da função da exceção. (NIEVES, 2008, p. 50, tradução livre)²

Do lado direito, na posição feminina, teremos como referência um outro mito que não está em Freud, introduzido por Lacan no Seminário 20: o mito de *Don Juan*. Teve como referência a versão da ópera de Mozart “*Don Giovanni*”, apresentada pela primeira vez em Praga, no ano de 1787.

Don Juan ficou famoso pela lista que carregava com os nomes das mulheres que havia se relacionado romanticamente, ele as ama uma a uma, conta-as uma a uma, fazendo-as se sentirem únicas. Ao se deter a essa lista para elaborar a cerca do gozo feminino, Lacan (2008/1978, p. 17) nos diz que “a partir do momento em que há os nomes, pode-se fazer uma lista, e contá-las. Se há *mille e tre* é mesmo porque podemos tomá-las uma a uma, o que é essencial.”. Precedida de forma que “tudo gira ao redor do gozo fálico, é precisamente o que dá testemunho a experiência analítica, e testemunho que a mulher se define por uma posição que apontei como não-todo no que se refere ao gozo fálico”. (LACAN, 2008/1978, p. 14)

Para dar conta da lógica feminina, Lacan teoriza a partir da inexistência de uma exceção. A primeira fórmula: $\exists x . \varphi x$, vem dizer que não existe uma exceção da regra no feminino, ou seja, todos os sujeitos que se posicionam desse lado se submeteram a castração. Dessa forma, não existe a regra. E, não havendo essa regra, os elementos desse conjunto não irão se constituir como um todo. Por tanto “A mulher” toda fálica não existe, não fazendo parte de um conjunto universal.

A partir disso, Lacan propõe a segunda fórmula: $\forall x . \varphi x$. Como sujeito *não-todo*, uma mulher irá se relacionar com a função fálica e com a castração a partir de tal posição. Assim sendo, Lacan (2008/1978) defende que a mulher não existe, a mulher *não* é toda, por não haver um significante, uma representação inconsciente dessa posição feminina, que é inalcançável, por estar fora do campo da linguagem. No lado masculino, essa representação se faz a partir do falo e de sua relação com essa referência.

Ela não está apenas sujeita à função de castração, mas nela há algo a mais, há outro tipo de gozo que se manifestará em relação a uma ausência, e não em relação à função de falo-castração. (...) Se constitui como sujeito edípiano, e, no entanto, por ser mulher, está também em relação a um vazio que nada tem a ver com a castração, que nada deve à lógica edípiana ou fálica. (NIEVES, 2008, p. 54, tradução livre)³

² No original: Del lado macho tenemos entonces dos cuantificadores: el primero, que es la función de la excepción, está encarnada por el padre de la horda - $\exists x . \varphi x$ - y el segundo cuantificador, que llamamos universal - $\forall x . \varphi x$ - es una consecuencia directa, un resultado de la función de la excepción.

³ No original: Que ella no está tan sólo sujeta a la función de la castración, sino que en ella hay algo de más, hay otro tipo de goce que va a manifestarse en relación con una ausencia, y no con la función falo-castración. (...) Se constituye como sujeto edípicamente, y sin embargo, por ser mujer a la vez está en relación con un vacío que no tiene nada que ver con la castración, con que no debe nada a la lógica edípica o fálica.

Assim, as mulheres só podem ser contadas no um a um, e por serem únicas a relação de cada uma com o gozo se dá de forma diferente. Isso, se justifica, pelo fato do feminino se constituir para além do gozo fálico. Cada mulher tem acesso a um Outro gozo, que pode ser chamado de gozo suplementar, está na ordem do real, do indizível, apesar de ser experimentado.

Enquanto sujeito, o homem fica às voltas com o falo e com o medo de perdê-lo, a mulher está às voltas com a pergunta “*o que é ser uma mulher?*”. Promovendo, para ambos os sexos, uma construção imaginária e uma busca por um ideal de mulher. Tais questões irão permear os caminhos traçados, na eleição de objetos amorosos, afinal “é justamente esta inexistência que vai promover a sua existência enquanto ideal: tanto pelos homens, para os quais uma mulher é o seu sintoma, quanto para as mulheres, que se norteiam na tentativa de alcançar uma identificação feminina.” (VALDIVIA, 2012, p. 23)

Pensando na relação dos sujeitos com o Outro sexo, Lacan propõe a segunda parte da fórmula da sexuação, o gráfico, localizado na parte inferior. Em que teremos o sujeito barrado ($\$$), localizado do lado esquerdo (masculino) e uma seta direcionando-o para o objeto a (a) localizado do lado direito (feminino). Em suma, sujeito barrado é um sujeito desejante, significa dizer que a Lei da castração incidiu sobre ele. E, objeto a , seria causa de desejo. Um objeto perdido que nos completaria, tamponando a falta existente no humano, sendo da ordem do impossível esse encontro, a pulsão busca satisfazer-se, semblantificando os objetos, como por exemplo: o falo, o olhar, a voz, o corpo.

O gráfico mostra que um homem estaria se direcionando para o objeto causa de seu desejo, tomando o feminino como tal. Para tanto, a mulher torna-se parte dessa fantasia masculina se colocando no lugar de falo, de causa de desejo. Sobre isso, Lacan (2008/1978, p. 86) comenta:

Só é dado atingir seu parceiro sexual, que é o Outro, por intermédio disto, de ele ser a causa de seu desejo. A esse título, como indica alhures em meus gráficos a conjunção apontada desse $\$$ e desse a , isto não é outra coisa senão a fantasia. Essa fantasia, em que o sujeito é preso, é, como tal, o suporte do que se chama expressamente, na teoria freudiana, o princípio de realidade.

Nas fórmulas da sexuação, teremos representado graficamente, a relação do ser feminino com o gozo. Como a mulher se anuncia pelo não-todo, não se pode escrever, dessa forma só é possível representá-la graficamente o A barrado: \bar{A} . A partir dela (\bar{A}) temos uma seta em direção ao Outro ($S(\bar{A})$), que representa aquilo com que a mulher fundamentalmente tem relação (LACAN, 2008/1978). Também posicionado do lado esquerdo, essa relação dá acesso ao gozo suplementar, sendo ele da ordem do particular, trará a cada mulher a missão de construir um saber sobre sua falta. Parte outra seta em direção ao Φ , falo, designado por Lacan (2008/1978) “por ser o significante que não tem significado, aquele que se suporta, no homem, pelo gozo fálico.” Indica, então, que a mulher tem acesso ao gozo fálico, gozo esse que ela encontrará no órgão do homem. Nesse sentido, toma o homem como falo para o seu gozo particular e não como sujeito.

4. DEVASTAÇÃO: UM OUTRO NOME PARA O AMOR?

Amor, faltam palavras para explicar esse afeto. Lacan (1960, p. 38), nos adverte que “todos os esforços que fazemos para situá-lo estão fadados de antemão ao fracasso”. Isso não desmotiva, pelo contrário, impulsiona os indivíduos a tentarem dar conta desse enigma vida afora, utilizando de diversos artifícios, sendo um deles a busca de um outro como resposta,

supondo que esse ser seja capaz de completar a si mesmo. Uma invenção - possível por meio da linguagem, mas que escapa a ela - na tentativa de dar conta da falta que o constitui.

Afirmamos que a descoberta de que o amor sexual (genital) proporciona ao indivíduo as mais fortes vivências de satisfação, dá-lhe realmente o protótipo de toda felicidade, deve tê-lo feito continuar a busca da satisfação vital no terreno das relações sexuais, colocando o erotismo no centro da via. Prosseguimos dizendo que assim ele se torna dependente, de maneira preocupante, de uma parte do mundo exterior, ou seja, do objeto amoroso escolhido e fica exposto ao sofrimento máximo quando é por este desprezado ou o perde graças à morte ou à infidelidade. (FREUD, 1930, p. 41-42)

O antagonismo presente no amor e na busca por essa parceria, reside no fato de que ambos, amante e amado, estão na busca do mesmo objeto. A procura desse todo nunca encontrado, tem como resultado um resto que só se faz possível na lógica do não-todo (COSTA, 2017). Nesse sentido, Lacan (1960, p.41) defende, em seu Seminário VIII (A transferência), que o “amor é dar o que não se tem”. Afinal, só podemos entregar ao outro a nossa própria falta.

Freud (1930), nos diz que no auge do enamoramento, a fronteira entre o Eu e objeto ameaça desaparecer. Contrariando o testemunho dos sentidos, o enamorado afirma que Eu e Tu são um, e está preparado para agir como se assim fosse. Sobre isso, acentuou Lacan (2008/1978, p. 14) “que o amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos (...) *dois* sexos”. Nesse sentido, o amor é uma suplência à relação sexual que não existe, pois ele garante que os parceiros façam laço, mesmo com a impossibilidade estando presente.

No Seminário XX (Mais, ainda), Lacan (2008/1978) defende que a relação sexual não existe. Isso se dá pelo fato de que o sujeito ao se relacionar com o Outro sexo, o elege como objeto amoroso. Dessa forma, a relação sexual se desencadeia entre sujeito e objeto, e não entre sujeitos, sendo impossível existir a relação sexual entre um sujeito todo fálico e um sujeito não-todo. Esse aforismo de Lacan, quer dizer que não há qualquer razão, proporção ou complementaridade possível entre os sexos (LIMA, 2017).

Dizer que não se pode escrever a relação sexual, deriva do fato, de não existir um significante que diga o que é uma mulher. É o feminino, mais aquém ou mais além do gozo fálico, o que introduz em realidade a não relação sexual, a relação que não pode inscrever-se. Diante desse furo na linguagem, e da impossibilidade de encontro dos sexos, o que pode haver entre eles é o amor como sintoma (DUPIM; BESSET, 2011).

Nesse sentido, a relação amorosa/sexual é sintomática. Para um homem uma mulher é sempre um sintoma, afirma Lacan (1975). O homem crê na mulher, assim como o ser no sintoma, por ser símbolo da falta, ou seja, como enigma a ser decifrado através da pergunta: o que quer uma mulher? Além de realizar seus desejos inconscientes, tem-se um gozo (fálico). Já que é por meio dela e com ela que o homem, como sujeito, goza do inconsciente. Nessa posição masculina, na parceria com uma mulher, o homem a reduz ao campo da fantasia, como um objeto. Segundo Ribeiro et al. (2014), este objeto equivale a um pedaço do seu próprio corpo. Nesse sentido,

o amor e o desejo, a mãe e a “puta” estão separadas para o homem, este caráter feticista do amor masculino é estranhado pelas mulheres, uma vez que, para elas, de acordo com Lacan, ambos, amor e desejo, se dirigem para um mesmo objeto: “Ela

encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada”. (RIBEIRO et al, 2014, p 83)

A mulher por não estar toda nessa lógica, não estar toda referida ao falo, um homem não pode ser um sintoma para ela. Em vista disso, “algo do gozo primitivo delas, que não é metabolizado pela ameaça de castração, permanece obscuro e indizível, e nada, nem mesmo o homem amado, pode representá-lo como um sintoma” (RIBEIRO et al, 2014, p 84). Com esse gozo sem limite, um excesso, tende a fazer uma tentativa de encontrar no parceiro algo que dê conta desse gozo a mais.

Assim sendo, no campo da mulher, o homem representará um parceiro-sintoma, termo formulado por Miller (1997), que está em sintonia com o termo *falasser*, concebido no último ensino de Lacan, que apontou o corpo que fala, e comporta um gozo ao falar. Em consequência a isso, teremos uma modificação no modo como se entende o conceito de sujeito, que será designado como um falta-a-ser. Tal consonância entre os dois termos se dá, pois, a relação do parceiro irá supor que o Outro se torne sintoma do *falasser*, isso significa, tornar-se um meio de gozo, ou seja, um modo de gozar, inconscientemente, do corpo do outro.

Diante disso, o homem, poderá se constituir tanto como um deslumbramento, como uma devastação para uma mulher, indo de parceiro-sintoma a parceiro-devastação. Isso se evidencia até mesmo na originalidade da palavra devastação que vem do francês *ravage*, que tem a mesma origem da palavra *ravissement*, deslumbramento, derivada de *ravie*, deslumbrar.

A devastação, se dá no encontro com uma forma de gozo, sendo este gozo feminino um problema do ponto de vista da linguagem, por não haver palavras para dar conta dele. Dessa forma, irá representar um insuportável que não pode ser dito, por não haver significantes capazes de descrever o sofrimento experienciado por um sujeito situado na posição feminina, em um momento de devastação.

Teremos então, uma queda do semblante, isso significa que o feminino irá emergir para além das representações feitas por uma mulher frente ao seu objeto de amor. Além disso, vale destacar, que toda a demanda de amor endereçada a um outro, retorna para ela mesma, devastando-a. E, diante disso, a mulher passa a fazer de tudo para ser eleita como objeto de amor para esse Outro. Como bem afirma Dupim e Besset (2011, p. 4):

Para Lacan, a devastação na mulher leva a cabo essa insistência de amor, aí “não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens”. A respeito da posição feminina de amar, pode dizer uma mulher: “que ele me bata não é o que conta, o que conta é que eu seja seu objeto, que eu seja seu parceiro-sintoma, se isso me devasta, tanto melhor”.

Podemos inferir, considerando a subjetividade ímpar do ser mulher, que a permanência de mulheres em relações, ditas, abusivas como uma forma de percorrer um caminho na busca de sua feminilidade. Podendo ser visto como um modo de gozo, que apesar de devastador, traz um efeito de atração e repetição, o que vai se colocar acima de tudo é o ser amada mesmo que como objeto-dejeto. Dessa forma, uma mulher ao se envolver com um parceiro-devastador, faz retornar para si própria uma demanda de amor infinita, na qual a conduz para estragos arrebatadores.

Cada mulher precisa encontrar uma maneira particular de lidar com esse gozo devastador e transformá-lo em gozo vivificante. Sendo assim, dentre as possíveis invenções de cada mulher, um percurso de análise pessoal pode se apresentar como possibilidade, de

cada uma reconhecer e se responsabilizar por essa modalidade de gozo, podendo mudar sua posição subjetiva, fazendo eleições de objetos amorosos que não a levem a estados de devastação. Lembrando sempre, que por ser única, esse processo de elaboração também se daria no um a um.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na criação da psicanálise, Freud descobre a importância da sexualidade na vida dos seres humanos, ao se propor escutar o inconsciente dos seus pacientes, as histéricas de sua época. Desse modo, falar sobre o feminino é adentrar nesse campo, entendendo que cada ser irá fazer escolhas únicas frente a partilha dos sexos. Não sendo definitivo, o feminino pelas questões biológicas, mas para além delas. Haja vista que o humano é atravessado pela linguagem e permeado por relações, que são fundamentais para a construção subjetiva do ser.

Mesmo reconhecendo as dificuldades de se compreender o feminino em Freud, deve-se levar em consideração a contribuição que os estudos do autor tiveram para a evolução da psicanálise, que deu lugar de voz e, principalmente, de escuta ao sujeito para falar de um modo mais livre da sexualidade. Sendo importante destacar, que o sujeito que escolhe pela posição feminina tem um trabalho a mais a ser realizado, na missão de torna-se uma mulher.

Nesse sentido, a releitura que Lacan faz do texto freudiano avança a discussão sobre o feminino ao adentrar na relação deste com o sujeito do lado masculino. Pensando no amor, o autor nos leva a refletir sobre a repercussão que os primeiros encontros com o Outro têm nas relações desencadeadas a posteriori.

É importante destacar que o modo idealizado do amor como aquilo que tenta recobrir o real, sempre escapa. A impossibilidade de formar par na relação amorosa faz o sujeito inscrito do lado feminino insistir para fazer existir a relação sexual. Nessa tentativa impossível, escolhe um parceiro sintoma que aponta sempre à insatisfação. Nesse caso, entra em jogo, se utilizar do parceiro sintoma como falo e se inventar frente a não completude se vestindo das (im)possíveis máscaras, ou se devastar frente a insatisfação.

Dessa forma, pensando nos encontros e desencontros na busca por tornar-se mulher, foi visto que há algo que escapa à linguagem, no sujeito que se posiciona do lado feminino, que faltam as palavras, que o não dito, por vezes, por levar a uma angústia que chamamos de devastação. Mas sendo justamente nessa falta, que cada mulher se torna única, se inovando e criando um jeito muito particular de tornar-se mulher.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, A. e BONFIM, F. **Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significativo e objeto a.** SciELO - Brasil, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200005>.

COSTA, Felicia Kristina Gonçalves. **As (des)ordens do amor: imaginário, simbólico e real.** 2017. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual da Paraíba, 2017.

DUPIM, G. e BESSET, L. V. **Devastação: um nome para dor de amor.** Opção Lacaniana, 2011 Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Devastacao_Um_nome_para_dor_de_amor.pdf

ELIA, L. **O conceito de sujeito.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FREUD, S. **A organização genital infantil (1923).** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925).** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização (1930).** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **O seminário - Livro 8 “a transferência”.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. **O seminário - Livro 20 “mais, ainda”.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RIBEIRO, M. et al. **A mulher: um sintoma para o homem?** SciELO - Brasil, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n1p74.6>

POLI, M. C. **Feminino/Masculino: A diferença sexual em psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

VALDIVA, O. B. **Psicanálise e feminilidade: algumas considerações.** SciELO - Brasil, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000300004>.

